

## **RESENHA: A sul. O sombreiro, de Pepetela.**

Por Alec Ichiro Ito<sup>1</sup>

*A sul. O sombreiro* é o mais novo romance de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, o escritor angolano Pepetela. Lançado em 2012 no Brasil pela Editora Leya, o livro é ambientado na Angola pré-colonial do século XVII, em pleno processo de conquista lusitana do continente africano. A obra é dividida em vinte e sete capítulos narrados ora em primeira pessoa, colocando em evidência a opinião das personagens elaboradas por Pepetela, ora em terceira pessoa, externalizando a opinião pessoal do autor. São perceptíveis três núcleos narrativos básicos, cujos sujeitos-personagem centrais se apoderam da narrativa e, assim, detém a “licença para narrar”. Perto do final do livro esses núcleos narrativos se convergem, conformando uma história única e total.

O primeiro sujeito-narrador apresentado em *A sul. O sombreiro* é Simão de Oliveira, vigário de Benguela, que semeia grande ódio contra o governador Manuel Cerveira Pereira. Em seus trajes negros e olhar altivo, Cerveira Pereira persegue e atormenta Simão de Oliveira. Chama-o de “marrano”, termo utilizado de forma pejorativa contra os cristãos-novos suspeitos de continuar a praticar a fé judaica. Logo nas primeiras linhas do livro, o padre deixa claro seu ódio contra o governador: “Manuel Cerveira Pereira, o conquistador de Benguela, é um filho de puta<sup>2</sup>.”

Manuel Cerveira Pereira é outro sujeito-narrador do livro. Fidalgo, combatente na Flandres e protegido do Conde de Alba, importante título nobiliárquico da coroa espanhola, Manuel Cerveira Pereira foi governador de Luanda entre 1603-1606 e 1615-1617. Foi também responsável pela conquista de Benguela, onde permaneceu governador até o final de sua vida. É descrito como um homem ambicioso, incapaz de dar um sorriso amigável, odiado por muitos e temido por todos.

O terceiro e último personagem-narrador é Carlos Rocha, mestiço descrito como descendente de Diogo Cão, o primeiro português a chegar àquelas terras em 1482. Rocha foge de Luanda por temer que seu pai, o beerrão Mbaxi, vendesse-o como escravo para quitar as dívidas deixadas nas tavernas. Junto de Mulende, menino

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de graduação em História na Universidade de São Paulo. Integrante do Núcleo de Apoio à Pesquisa Brasil-África.

<sup>2</sup> PEPETELA. *A sul. O sombreiro*. São Paulo, Leya, 2012. P. 5.

escravizado que depois vira seu fiel companheiro, Carlos Rocha foge para o interior do continente, munido de um bacamarte e um par de calçados. Começa então sua jornada até o extremo sul, terra “limitada por um cabo em forma de sombreiro mexicano<sup>3</sup>”, na qual cruzará com algumas figuras relatadas nos documentos históricos, como o kingrejê Andrew Battell, o Rei Jaga Imbe Kalandula, o tendala Antonio Carlos Mossungo e tantos outros.

Ex-guerrilheiro do MPLA, o “Movimento para Libertação de Angola”, Pepetela lutou contra o colonialismo português durante as décadas de 1960-70. Em 1975, após a consolidação da Independência de Angola, Pepetela exerceu cargos políticos e burocráticos na construção do novo país. Atualmente dedica-se à produção literária, como também à participação e divulgação de seus livros mundo afora. Em 1997 ganhou o Prêmio Camões e, em 2012, integrou uma mesa no XII Encontro de Estudos Comparados de Língua Portuguesa, ocorrido na Universidade de São Paulo.

Pode-se dizer que a “literatura angolana” tem um traço peculiar: ela surgiu como um movimento literário, vinculada ao pensar o “ser angolano”, antes mesmo do decreto da Independência daquele país. Sendo mais preciso, esse movimento ensaiou formas literárias que imaginaram a construção de uma nova nação, normalmente vinculadas ao pensamento utópico-revolucionário, antes mesmo das armas consolidarem o fim do regime colonial português. Pepetela, Agostinho Neto, José Luandino Vieira e outros intelectuais que assinaram a Carta de Independência foram os responsáveis por essa façanha.

Mario César Lugarinho, especialista em teoria literária e professor da Universidade de São Paulo, afirma que é da “série literária dominante” nos anos que antecederam a Independência, e dos mais de vinte cinco anos que se passaram após ela, que “emerge um conceito de nação derivada da utopia revolucionária”. Esse conceito “consegue criar a alegoria da nova nação emergindo dos conflitos da guerra colonial e das disputas internas pelo poder<sup>4</sup>”. Essa emergência nacional-revolucionária teria sido

---

<sup>3</sup> PEPETELA. A sul. O sombreiro. São Paulo, Leya, 2012, p. 224.

<sup>4</sup>Referência completa: LUGARINHO, Mário César. Quem deve comer as lagostas? Reflexões sobre os estudos pós-coloniais a partir de alguma ficção de Pepetela e Agualusa. EM: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (organizadoras). *A Kinda e a Missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007. P. 304.

projetada inicialmente no conto “A Estória da galinha e do ovo”, de Luandino Vieira, escrito em 1963<sup>5</sup>.

O projeto *utópico concreto* iniciado por Luandino Vieira parece influenciar sobretudo *Mayombe*, romance de Pepetela publicado em 1980, período de guerra civil e de diversas tentativas de soerguimento de um estado angolano. No livro, o projeto político-literário imaginado é claramente vinculado à construção de um país que, no futuro, levasse em conta a voz dos oprimidos, das diferentes etnias e do *princípio da esperança* de Ernst Bloch. A pesquisadora Rita Chaves resume a questão da seguinte forma:

“Assim, fazendo da narrativa, alegorizada pela floresta, o espaço do diálogo, narrador e personagens em *Mayombe*, constroem-se a partir de um processo vivo que reúne identidades e diferenças, coincidências e dissidências, homologias e rupturas.”<sup>6</sup>

Passada a Revolução de Independência, o *sonho diurno* desses escritores militantes não se transformou em realidade<sup>7</sup>. Coube, enfim, ao próprio Pepetela fazer o balanço da utopia pós-revolucionária levada a cabo em Angola. Essa é a principal proposta que norteia *A geração da Utopia*, escrito em Berlim no início da década de 90, onde o escritor gozava de uma bolsa oferecida por uma instituição alemã<sup>8</sup>. Nessa obra, Pepetela faz uma retrospectiva crítica do movimento que levou à emancipação de Angola, apontando os desafios enfrentados por aqueles que pensaram a construção de uma nova nação. Giselle Larizzatti Agazzi resume as diferentes visões presentes na obra da seguinte forma:

“Entre tantas contradições históricas, *A geração da utopia* desenvolve-se segundo as vozes testemunhais que analisam

---

<sup>5</sup> Data estipulada pelo próprio escritor no final de seu conto. Verificar: VIEIRA, José Luandino. *Luuanda: estórias*. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

<sup>6</sup> CHAVES, Rita. Pepetela: romance e utopia na história de Angola. EM: *Revista via atlântica*, Universidade de São Paulo, n°2, julho de 1999. Página 222.

<sup>7</sup> Termos como *utópico concreto* e *sonho diurno* fazem parte do pensamento filosófico marxista de Ernst Bloch. Um bom resumo do pensamento de Bloch, como também da influência de seu *princípio esperança* no projeto literário de Pepetela, podem ser encontrados em no texto “Formulações utópicas em Yaka, de Pepetela, e Levantado do chão, de José Saramago”, de Vima Lia Martins. O texto pode ser encontrado no livro: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (organizadoras). *A Kinda e a Missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007. Em especial, sobre alguns conceitos de Ernst Bloch, conferir página 403.

<sup>8</sup> Informação retirada da página 225, em Rita Chaves, “Pepetela: romance e utopia na história de Angola”, Universidade de São Paulo, 1999.

lucidamente os fatos, procurando encontrar os nexos causais que levaram a nação ao caos social e político. De todos os lados, os personagens tentam compreender os fatos passados.”<sup>9</sup>

Em *A sul. O sombreiro*, Pepetela parece não mais escrever abertamente sobre um projeto nacional libertário. Não se trata mais desse “vir a ser” presente na utopia de “*Mayombe*”. Seus personagens não são mais arquétipos, ou pelo menos o potencial representativo de tipos sociais parece ficar em segundo plano. Mesmo que a ânsia crítica do escritor tente traçar um caminho para se pensar uma Angola do futuro, esse potencial não parece se transformar em um projeto literário utópico, como acontece em suas obras anteriores. Ao se valer da história, o autor parece escrever um romance mais próximo de Benguela do que propriamente de Angola.

Isso não quer dizer, todavia, que o sonho tenha acabado. Pepetela narra uma história, mesmo que romanceada, de uma Benguela cuja tradição se entrecruza com a formação dos primórdios da Angola moderna. Trata-se de uma realidade do passado que, ao mesmo tempo, é uma realidade presente. Por isso, mesmo que distanciadas pelo tempo, a “história da Angola do presente” está vinculada à “história da Angola do passado”. No final das contas, ambas têm um objeto discursivo em comum: pensar o que é esse país chamado “Angola”. Arrisco dizer que a essência de *A sul. O sombreiro* é, portanto, a de observar o passado para discutir o presente.

Assim, quem sabe seja a “distância aproximada” entre “o que foi” e “o que é” de Angola que norteie a morte de Manuel Cerveira Pereira, descrita por Pepetela da seguinte forma:

“A sua morte anunciava o fim da colônia de Benguela independente de Luanda. Mas isso nem Mulende, nem Carlos, nem Kandalu, nem os mundombe ou os jagas podiam perceber. [parágrafo] Afinal, era irrelevante. [parágrafo]. A propósito de relevâncias, Diogo Cão, onde param as tuas ossadas?”

---

<sup>9</sup> AGAZZI, Giselle Larizzatti. O romance em Angola: ficção e história em Pepetela. *Imaginario*, São Paulo, v. 12, n. 13, dez. 2006, p. 201. Disponível em: [www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo). Para mais informações sobre essa obra, consultar também a resenha de Maria de Nazaré Ordonez de Souza Ablas publicada na *Revista via atlântica*, n.4, out. 2000.

Conhecer a tradição histórica de um país é o primeiro passo para iniciar uma crítica profunda sobre o que esperar de seu futuro. Não porque o passado se repita como uma relação de causa e consequência direta, nem porque “o conhecimento do passado nos ajude a não repetir os mesmos erros no futuro”. Nada disso. Mas porque o fazer histórico, ou a arte de narrar uma história, em última instância é um ato de analisar e criticar a si mesmo e ao mundo. É com o seguinte princípio que espero que *A sul. O sombreiro* seja lido pelos angolanos: de modo crítico em relação à construção de sua identidade nacional e, sobretudo, refletindo sobre os diversos discursos que norteiam a história de seu próprio país. Enfim, termino com algumas palavras de Pepetela:

“[...] Pode ser exagero – é caso para se discutir – mas afirmo que não há, não pode haver, a criação dum país verdadeiramente independente sem a uma literatura nacional própria, que mostre ao povo aquilo que o povo sempre soube: isto é, que tem uma identidade.”<sup>10</sup>

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Notas sobre a utopia, em Pepetela. EM: *De voos e ilhas: literatura e comunitarismo*. Ateliê Editorial, Cotia. 2003

ABLAS, Maria de Nazaré Ordonez de Souza. Resenha do livro *A geração da Utopia*. Publicada na *Revista via atlântica*, n.4, out. 2000.

AGAZZI, Giselle Larizzatti. O romance em Angola: ficção e história em Pepetela. *Imaginário*, São Paulo, v. 12, n. 13, dez. 2006, p. 201. Disponível em: [www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo)

CHAVES, Rita. Pepetela: romance e utopia na história de Angola. EM: *Revista via atlântica*, Universidade de São Paulo, n°2, julho de 1999

HILDEBRANDO, Antonio. Pepetela – A parábola do cágado velho”: construindo pontes. SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras e laços*. – Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2000.

LUGARINHO, Mário César. Quem deve comer lagostas? Reflexões sobre os estudos pós-coloniais a partir de alguma ficção de Pepetela e Agualusa – Mário Cesar Lugarinho. EM: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (organizadoras). *A Kinda e a Missanga*:

---

<sup>10</sup>Trecho retirado da epigrafe do artigo “Pepetela – A parábola do cágado velho”: construindo pontes”, de Antonio Hildebrando. Texto encontrado em: REFERÊNCIA COMPLETA: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras e laços*. – Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2000.

*encontros brasileiros com a literatura angolana*. São paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007.

MARTIN, Vima Lima. Formulações utópicas em *Yaka*, de Pepetela, e *Levantado do chão*, de José Saramago. EM: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (organizadoras). *A Kinda e a Missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007.

PEPETELA. *A sul. O sombreiro*. São Paulo, Leya, 2012.

RIBEIRO, Maria Fátima. Discurso sobre a “África” e fantasmagorias coloniais em obras de Mia Couto e Pepetela. EM: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (organizadoras). *A Kinda e a Missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007.

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda: estórias*. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.